

União Geográfica Internacional

O Prof. EMM. DE MARTONNE, presidente da União Geográfica Internacional, apresentou à reunião da Junta Executiva do Conselho Internacional das Uniões Científicas, levada a efeito em Paris em 2 e 3 de julho do corrente ano, o relatório abaixo, das atividades realizadas por aquela entidade científica, durante o ano de 1946.

A União Geográfica Internacional acompanhou, tão ativamente quanto possível, o movimento que de mais a mais, se acentua para o reatamento das relações científicas internacionais, esforçando-se por superar as dificuldades diversas que se lhe depararam em todos os países.

A nossa tarefa mais urgente pareceu-nos ser a de organizar o mais cedo possível uma assembleia de geógrafos de todos os países, intentando recolocar em jôgo os mecanismos indicados por nossos estatutos e que puderam, nos últimos anos que precederam à segunda guerra mundial, suscitar tantos trabalhos de valor procedentes de tôdas as partes do mundo.

Sendo de 4 anos o intervalo entre nossos Congressos, em 1942 é que deveria ter-se reunido o Congresso Internacional de Geografia, cujo lugar se fixara em Lisboa, em seguida ao Congresso de Amsterdão de 1938. As hostilidades prolongadas até 1944 e o período ainda perturbado que se lhe seguiu, com as dificuldades de viagem e até de troca de correspondência motivaram que só em 1946 se tornasse possível estabelecer contacto entre os membros da Junta Executiva, vários dentre os quais haviam desaparecido, e estudar a decisão a ser tomada relativamente ao lugar e à data do próximo Congresso.

Foi fácil acordar-se sobre a data de 1948, embora muitos países capazes de organizar o Congresso se mostrassem desejosos de recuá-la mais. Forçoso era reconhecer-se, com efeito, que a necessidade de não esperar e de restabelecer o mais prontamente possível os contactos devia sobrelevar a qualquer outra consideração.

A escolha do lugar do Congresso foi mais difícil. A solução mais simples, recomendada pelo Escritório da nossa União, era confirmar a escolha de Lisboa feita em Amsterdão. Foram, contudo, formuladas objeções e sugestões novas. Decidiu-se, portanto, organizar uma larga consulta comunicando a cada Instituto Nacional de Geografia dos

países filiados à União toda possibilidade evocada. A troca de correspondência devendo, por essa forma, substituir uma Assembléa Geral em que os pontos de vista podem ser confrontados livremente.

Diversas soluções foram rejeitadas pelo simples fato de faltar o assentimento de países encarados como desejáveis para aquêle fim (Argélia, Suécia, U.R.S.S.). A escolha teve de limitar-se entre Lisboa, Cairo e Rio de Janeiro. Resumindo-se todos os fatos na última circular, solicitamos de cada Comissão Nacional de Geografia um voto escrito. A apuração do escrutínio foi feita atribuindo-se a cada país o número de vozes a que tem direito na conformidade dos nossos estatutos. Conferiu o resultado uma maioria esmagadora a Lisboa.

A preparação do Congresso de Lisboa se afigura difícil. Está sendo, entretanto, ativamente impelida, por uma troca de correspondência entre o Escritório da União e a Comissão de organização local.

As questões incluídas na ordem do dia estão fixadas bem como o programa das excursões. As circulares-convite estão sendo lançadas.

O Escritório da União está, por outra parte, em relação com os presidentes das Comissões nomeadas, consoante nossos estatutos, para preparar no intervalo entre os Congressos a discussão de grandes problemas geográficos. O tempo que falta é infelizmente muito escasso para que possam ser produzidos relatórios com a amplitude dos que estamos habituados a receber. Certas comissões perderam seu presidente e até muitos de seus membros.

Esperamos, todavia, obter da Comissão dos Terraços, a mais antiga a ser formada, um último esforço que permita consagrar os resultados da sua atividade. Falecendo o professor D. JOHNSON, que organizara um programa de pesquisas coordenadas nas duas margens do Atlântico, foi substituído pelo professor H. BAULIG, que trabalha com o auxílio de diversos colegas na redação de um guia para o estudo dos terraços de acumulação ou de erosão.

Uma nova Comissão de Geografia Agrária, pedida em Amsterdão, e cuja formação foi interrompida pelas hostilidades, está agora em via de organização sob a presidência do professor FOUCHER.

As Comissões do Povoamento, de Fototopografia, das Variações Climáticas e de Cartografia das superfícies

de aplainamento estão, igualmente, funcionando; as observações de diversos membros da última poderão ser discutidas no terreno no decorrer das excursões do Congresso.

Cumpre-nos assinalar, por fim, o esforço considerável feito para atender a uma indicação do Congresso Internacional de Geografia de Amsterdão aconselhando a continuação da Bibliografia Geográfica Internacional e, completando-a, a organização de uma Bibliografia Cartográfica.

A partir dos últimos meses de 1944 entramos em relação com as sociedades ou com os sábios que haviam colaborado nas bibliografias precedentes. Apesar das dificuldades das comunicações e a perturbação ainda persistente em muitos países, apesar dos empecilhos que obstavam uma impressão particularmente delicada, um alentado volume de 566 páginas, assinalando e analisando mais de 5 000 publicações aparecidas de 1940 a 1944, foi lançado e será apresentado ao Congresso de Lisboa. Acha-se, assim, preenchida uma lacuna na documentação geográfica correspondente aos quatro anos de guerra, que ameaçava ser um embaraço sério para todos os trabalhos ulterior-

mente encetados. A importância da produção assim revelada cifra-se sobretudo no fato de que as pesquisas feitas nos últimos anos de antes da guerra, geralmente não vieram a lume senão em 1940 e 1941.

Temos agora em vista, para restabelecer por completo a continuidade, um volume de Bibliografia que versa sobre a produção dos anos de 1945 e 1946. As dificuldades de comunicação não desapareceram de todo, infelizmente. Mas o obstáculo mais grave é a elevação da tarifa de impressões, que tornaria impossível a realização deste projeto e embargaria, talvez, definitivamente, uma obra internacional cuja necessidade é reconhecida em toda parte, não fosse a subvenção da União Geográfica Internacional consideravelmente aumentada.

A mesma observação aplica-se à publicação de uma bibliografia cartográfica internacional, cuja preparação empreendemos a fim de atender a uma indicação do Congresso de Amsterdão.

Fêz a União Geográfica Internacional, como se vê, os mais sérios esforços para devolver às atividades geográficas a importância que possuíam antes da última guerra mundial.

Instituto Internacional da Hiléia Amazônica

Como noticiamos em nosso número passado, realizou-se entre 12 e 18 de agosto findo, a Conferência Internacional, denominada "Conferência da Hiléia Amazônica", com a participação de todos os países cujos territórios estão dentro da área abrangida pela bacia do grande rio Amazonas, ali representados através de especialistas, e de várias instituições científicas e culturais.

A iniciativa dessa reunião partiu da U. N. E. S. C. O., tendo em vista a fundação de uma entidade à qual serão atribuídos os estudos científicos e sociais daquela grande região. Abrange o plano traçado as grandes zonas florestais e as bacias do vale do Amazonas que vão dos Andes ao Atlântico incluindo as Guianas Britânica, Holandesa e Francesa, o baixo Tocantins, as costas marítimas do Pará e parte do Maranhão. O plano delineado, assinala também a importância científica, social e econômica da região, acentuando a necessidade de pesquisas meteorológicas, geográficas, geológicas, antropológicas, zoológicas, etc.

Nascido assim da reunião de cientistas, representando governos e instituições, será o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, um grande centro de investigações.

Pela presteza com que os países interessados compareceram ao conclave, podemos deduzir do êxito futuro do Instituto a ser criado.

Tomaram parte na reunião os seguintes países: *Bolívia*: RAFAEL GUTIÉRREZ, cônsul boliviano em Belém.

Brasil: PAULO DE BERREDO CARNEIRO, professor de Química na Escola Nacional de Engenharia, chefe da delegação; HEITOR FRÓIS, diretor do Departamento Nacional de Saúde, delegado; D. HELOÍSA ALBERTO TÔRRES, diretora do Museu Nacional, delegado; CÂNDIDO DE MELO LEITÃO, professor de Zoologia da Escola Nacional de Agronomia, delegado; Dr. FELISBERTO CAMARGO, diretor do Instituto Agronômico do Norte, delegado; Dr. RUBEM DESCARTES GARCIA, chefe da Divisão de Química Orgânica do Instituto Nacional de Tecnologia, delegado; Dr. GASTÃO CRULS, delegado e comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR, delegado e também representante do Estado do Pará; Eng.º CRISTOVAM LEITE DE CASTRO, representando o Conselho Nacional de Geografia; Dr. LEÔNICIO DE SALINAC E SOUSA, representando o Estado do Amazonas; Dr. MIGUEL PERNAMBUCO FILHO, representando o Estado de Mato Grosso; Dr. EURICO DE MELO CARDOSO FERNANDES, representando